

O COTIDIANO DO CASAMENTO CONTEMPORÂNEO–A DIFÍCIL E CONFLITIVA DIVISÃO DE TAREFAS E RESPONSABILIDADES ENTRE HOMENS E MULHERES

Aluna: Thays Mielli de Assis
Orientador: Bernardo Jablonski

Introdução

Uma das principais mudanças no cenário sócio-cultural contemporâneo deve-se às conseqüências do movimento de emancipação feminino dentro e fora dos lares. No que diz respeito às atividades domésticas, o descompasso entre atitudes e comportamentos, tanto por parte dos homens quanto das mulheres, revela-se um ponto de crucial importância no que tange tanto às expectativas quanto à busca da manutenção dos laços afetivos em níveis satisfatórios.

As questões de gênero e as novas configurações familiares e conjugais da contemporaneidade, aliadas à necessidade de se produzir uma literatura nacional sobre família e casal, conferem, a nosso ver, singular relevância ao estudo do tema em questão.

Objetivos

O presente trabalho tem como objetivo pesquisar o cotidiano do casamento de jovens casais que se dividem entre a vida familiar e a profissional. Investigamos como se dá a divisão de tarefas domésticas entre os membros de casais urbanos de classe média, em função das demandas contemporâneas (a exemplo da emancipação feminina).

Assim, face à tripla jornada de trabalho da mulher e às dificuldades demonstradas pelos homens em compartilhar de forma mais igualitária as tarefas ditas domésticas, supõe-se um aumento considerável de conflitos dentro dos casamentos de hoje. A existência, ou não, de atritos e a forma como os cônjuges lidam com estas demandas antagônicas - fruto da herança de papéis de gênero tradicionais em conflito com as perspectivas contemporâneas mais igualitárias – constituem o foco principal do presente estudo.

Metodologia

A metodologia utilizada é qualitativa, através de um roteiro de entrevista semi-estruturada, que busca avaliar as opiniões, expectativas e atitudes de membros de casais acerca de uma série de tópicos relativos ao cotidiano da vida em comum. Vinte (20) membros de casais heterossexuais de classe média, com idades entre 30 e 45 anos (com pelo menos 5 anos de união) e com a condição de terem ao menos um filho, são os entrevistados em nosso estudo.

Conclusões

Até o momento, após a realização de dez entrevistas, contamos com os seguintes resultados parciais:

Segundo os casais entrevistados, **o que faz durar um casamento** seria o *respeito* (em primeiro lugar), *companheirismo*, *tolerância*, *valores semelhantes* e *amor*. Entre as **vantagens**, aparece frequentemente o *desejo de constituir família*. O casamento também é visto, por ambos os sexos, como um *meio de evitar a solidão* e *uma forma de partilhar experiências*, além de responsabilidades assumidas para com a educação dos filhos e as despesas com o lar. Acerca das **desvantagens**, notamos que a mais importante para os homens consiste na *perda da liberdade*. Entre as mulheres, não há uma resposta preponderante, mas sim uma referência à *perda da individualidade e da liberdade* para tomar decisões que envolvam a vida profissional.

Perguntados sobre o que fariam diferente do casamento de seus pais, alguns entrevistados, oriundos de famílias nas quais o casamento se desfez, manifestam um desejo acentuado de não repetir o mesmo modelo.

Quanto ao lazer, os hábitos relatados pelos entrevistados são variados e se devem, em grande parte, à existência de uma estrutura de apoio (babá, avós, empregada) no cuidado com as crianças em todos os casais entrevistados. Uma realidade diferente da encontrada por Araújo e Scalón [1], que indicam que em apenas 7,5% dos lares há o apoio efetivo de uma empregada doméstica (morando ou não na residência). Nesse sentido, nossa amostra – composta por sujeitos de classe média alta – difere substancialmente da maior parte da população brasileira. De modo geral, casais com filhos pequenos costumam optar por atividades que incluam as crianças. Já o lazer individual independente do companheiro e da família é muito mais freqüente entre os homens do que entre as mulheres.

Quanto à divisão das tarefas domésticas, embora se note que os homens relatem uma participação efetiva, na verdade, verifica-se que aqueles têm uma função coadjuvante ou periférica: sua participação é definida pelas mulheres quase sempre como uma “ajuda”. Os homens referem-se à sua própria participação como mais intensa e relevante do que aquela percebida pelas mulheres. Elas, por sua vez, se vêem fazendo mais do que eles e algumas ressentem-se desta situação manifestando o desejo de dispor de mais tempo para si mesmas. Em relação ao cuidado com os filhos, a participação masculina é, de fato, maior do que a relatada nas demais tarefas domésticas. Não obstante, persiste sua característica de subsidiariedade.

Embora esta situação pareça injusta, já que muitas vezes a mulher tem igual ou maior carga de trabalho fora de casa que o homem, no discurso feminino nem sempre aparece um sinal claro de inconformidade com tal situação. Se confirmada esta tendência nas entrevistas que ainda faltam, teremos, no mínimo, de refazer o título de nossa pesquisa retirando do mesmo os termos “difícil” e conflitiva”.

Em quaisquer dos casos, é visível uma distância considerável entre o discurso e a prática, sendo certo que mesmo os homens cujas atitudes são positivas em relação a uma divisão igualitária de tarefas, ainda adotam um comportamento não compatível com tais convicções. O que resulta curiosa é a ainda aceitação pelas mulheres de uma situação flagrantemente iníqua, em consonância com a idéia do conceito de tradicionalização. Este conceito diz respeito ao fato de homens e mulheres, após se tornarem pais/mães, adotarem posturas mais tradicionais no que tange a seus papéis parentais e em suas divisões de trabalho doméstico, apesar de possíveis atitudes igualitárias anteriores.

Em suma, embora nossa pesquisa ainda não esteja concluída, o que temos verificado é que há ainda um longo percurso a ser percorrido pelos casais no caminho da igualdade. A boa notícia é que a viagem não está sendo percebida como muito dificultosa.

Referências

1. ARAÚJO, C. e SCALÓN, C. **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.